

12

“É PROCURADO POR GENTE QUE VEM DA ÁFRICA”¹: TANCREDO DA SILVA PINTO, O PÓS-ABOLIÇÃO E A UMBANDA OMOLOKÔ

Diego Uchoa de Amorim ²

“Continua o mesmo, apesar do passar dos anos. Talvez o repórter envelheça mais depressa. Mude mais rapidamente. Tancredo, o Tata, o paizinho, como lhe chamam (...) também o trata assim ainda que não sejamos filhos seu filho de santo, o admiramos como se meu pai fosse”.

(A Luta Democrática, RJ, 09 e 10 de agosto de 1970)

INTRODUÇÃO:

A região do Vale do Paraíba Fluminense guarda uma pequena cidade, chamada Cantagalo, a uma distância de 200 km da capital, compondo com outras localidades a Região Serrana e o Centro-Norte Fluminense. O início do seu povoamento data do período colonial. O evento épico inaugural foi o pedido de Maurício Portugal à Intendência Geral do Ouro para explorar nos “Sertões do Leste” um garimpo nos primórdios da Vila de São Pedro de Cantagalo. Conseguiu a autorização, contudo, mais tarde revogada pelo Vice-rei. No final do século XVIII, os homens de Manuel Henriques, o lendário Mão de Luva, aproveitando-se da situação, invadiram a região a partir de Xopotó e fundaram, sob

¹ *O Pasquim* (RJ), 09 a 15 de julho de 1976.

² Pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Bacharelado e Licenciatura em História (Universidade Federal Fluminense, UFF-Niterói/RJ). Especialista em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico (Ererebá-CPIL, RJ). Mestre em História Política, Movimentos Sociais e Memória (Universidade Salgado de Oliveira, UNIVERSO, Niterói/RJ). Doutorando em História Política, Movimentos Sociais e Memória (Universidade Salgado de Oliveira, UNIVERSO, Niterói/RJ). Integrante do Laboratório de Estudos de Política e Ideologia (LEPIDE-UNIVERSO). Grupo de Pesquisas e Estudos Nacionais e Estratégicos – Moniz Bandeira (Rio de Janeiro/RJ). Professor de História do Colégio São Vicente de Paulo (Cosme Velho, RJ). Educador Popular no Pré-Vestibular São Cristóvão (São Cristóvão, RJ). e-mail: uchoa.amorim@gmail.com.

“vista grossa” do governador de Minas Gerais, o garimpo Novas Minas dos Sertões de Cantagalo. O primeiro fluxo dispersivo de população pelos sertões deu origem ao arraial de aproximadamente duzentas pessoas sob as ordens de Mão de Luva (Faria, 2018; Oliveira, 2008).

Nas palavras da historiadora Sheila Faria, a narrativa mitológica de fundação da cidade foi cristalizada na memória coletiva com a publicação do romance histórico *Mão de Luva: fundador de Cantagalo* (1953), escrito por Acácio Ferreira Dias, jornalista, poeta e político varguista indicado pelo presidente gaúcho para prefeitura de Cantagalo (1930-1935): “se consolidou uma memória romântica e espetacular do aclamado ‘fundador’ da cidade” (Faria, 2018, p. 6). Nesta narrativa, Mão de Luva seria um nobre português (Duque de Santo Tirso), perdido de amores pela nobre D. Maria, herdeira real de D. José I (1714-1777), conspirador com a família Távora contra o rei em 1758. Poupado enquanto os demais envolvidos foram enforcados com ordens de Sebastião José de Carvalho e Melo (futuro *Marquês de Pombal*, 1699-1782), recebeu o desterro ao Brasil como punição após as articulações da “princesa amada”.

Nos seus últimos dias em Portugal, D. Maria teria dado um beijo na mão do nobre enquanto estavam na masmorra. Seria esse o motivo pela adoção da luva sempre preservada, assim, manteria a memória eterna desse amor. Ficou conhecido como “Mão de Luva”, inclusive, suas referências vinham desta maneira em documentos da segunda metade dos Setecentos na América Portuguesa. O mito ao redor de Mão de Luva ganhou o Rio de Janeiro e o Brasil com o samba-lençol *Tesouro Maldito*, composição de Zé Carlos e Gordo, defendido pelo intérprete Adauto em 1977 pela G.R.E.S. Unidos de Manguinhos em meio aos sambas nacionalistas e heroicos dos tempos da Ditadura Civil-militar (1964-1985). Seus versos cantarolavam os “causos”:

Fugindo da opressão
 Que movia Dom Luís
 Chegou a Conceição de Macabu
 Com seus dois comparsas
 Mudaram a cidade Bom Jardim
 Lutaram com os ferozes goitacaszs
 Numa caverna
 Esconderam seu tesouro
 Assassinando os escravos
 Seus carregadores
 Em Cantagalo
 Ele foi prisioneiro
 A mando da imperatriz
 Deportado no estrangeiro
 (Galeria do Samba, 2024)³

Depois da mineração, seria a atividade cafeeira que caracterizaria Cantagalo. Em momentos anteriores e em paralelo à montagem das estruturas produtivas do café, ocorreu um crescimento expressivo na região, advindo das convenientes condições à expansão, marcando a inserção da localidade no conjunto das áreas produtoras de alimentos para o abastecimento do mercado interno do Rio de Janeiro (Amantino; Franco; Schettini, 2023, p. 44). Cantagalo, assim, no início do século XIX, integrava-se às redes econômicas da Corte do Império e se conectava mais intimamente com o mercado internacional a partir da agroexportação ligada ao café em pleno aumento de demanda com as inovações de produção, cultura e alimentação advindas da Revolução Industrial na Inglaterra em finais do século XVIII. Além disso, somamos os ecos da Revolução do Haiti que tiraram a ilha do leque de fornecedores do produto a partir dos confrontos e destruições das

³ Letra completa disponível no site oficial Galeria do Samba, disponível em: <https://galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/unidos-de-manguinhos/1977/>. Acesso em: 29 jan. 2024.

antigas *plantations* nos mais de dez anos de processo revolucionário (Marquese; Parron, 2011).

Atualmente, os estudos sobre a cidade e a região ganharam muito com o Centro de Memória, Pesquisa e Documentação de Cantagalo (CMPD-CAN, 2010) vinculado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO e ao Programa de Pós-Graduação em História da UNIRIO instalado no polo CEDERJ de Cantagalo⁴. Outro acervo sobre a localidade é o Laboratório de Acervo e Documentação Histórica do PPGH UNIVERSO/ LADOCH (2006)⁵. Além disso, temos o *Povoamento, sociedade e escravidão na antiga Macaé e em Cantagalo, séculos XVIII-XIX* (2023), organizado pelas historiadoras Marcia Amantino, Maria C. Franco e Vitória Schettini, produção ligada à história regional e à história local do interior Fluminense como a cidade de Cantagalo, berço de Tancredo da Silva Pinto (Oliveira, 2011; Amantino; Franco; Schettini, 2023).

Na historiografia, por sua vez, insistiu-se no protagonismo das Tias Baianas e dos patrimônios culturais da comunidade vinda da Bahia, essencialmente após a década de 1870 com a Lei do Ventre Livre (1871) e a Guerra do Paraguai (1864-1870), com residência principal na Zona Portuária e adjacências da cidade que ganharam do sambista, compositor e artista plástico Heitor dos Prazeres (1898-1966) o nome de *Pequena África* (Gomes, 2003; Moura, 1985). Longe de minar a influência extremamente rica desses migrantes baianos e seus descendentes para história da cultura negra e popular vivenciada por aqueles que aspiravam o ar da *modernidade excludente* da *Belle Époque* carioca no início do século XX e nas décadas posteriores, recentemente,

⁴ Ver: <https://cmpdcan.blogspot.com/p/sobre.html>. Acesso em: 28 de nov. 2023.

⁵ Ver: <https://ppghistoria.universo.edu.br/laboratorios/ladoch/>. Acesso em: 28 de nov. 2023.

pesquisadores pretendem complexificar o cenário cultural e religioso carioca mostrando que os sonhos dos migrantes vindos do Vale do Paraíba atuaram e alimentaram com suas memórias e práticas culturais esse emaranhado de histórias do Rio de Janeiro e do Brasil (Berman, 2007; Neto, 2011; Velloso, 1988).

Inclusive, uma análise americana e atlântica para este fenômeno demográfico das migrações do Pós-Abolição nos levam a cenários ricos em experiências e diversidades. A mobilidade populacional apontada pelos historiadores no Brasil, principalmente, no Sudeste, é encontrada em recortes espaço-temporais de outros países do continente americano que formam o que alguns historiadores vêm chamando de *segunda escravidão* durante o século XIX como os Estados Unidos da América (EUA) e Cuba (CUB). Esta configuração esteve no âmago da formação da classe senhorial hegemônica nacional e, simultaneamente, à construção do Estado brasileiro (Rosa; Cunha, 2018; Tomich, 2011). As *modernizações* das cidades Rio de Janeiro, São Paulo, Havana, Nova York, Chicago, enfim, no início do século XX tiveram como sujeitos homens e mulheres de origem africana que migraram após as respectivas abolições para os centros urbanos (Scott, 1991; Mattos; RIOS, 2004).

As migrações da população negra do Delta do Mississippi e do Yazoo, Sul dos EUA, para cidades do Norte que passavam por processos de modernização como Nova York, Chicago, Boston e Detroit, chamadas na historiografia estadunidense de *grande migração*, foram centrais para experiências e circularidades culturais que deram origem ao jazz e blues⁶ que encantaram os estadunidenses a partir da década de 1920 nos

⁶ Um ótimo material audiovisual sobre as similaridades da experiência histórica das migrações do Sul dos Estados Unidos da América para o Norte no final do século XIX e primeiras décadas do século XX com aquelas observadas no Brasil do Pós-Abolição das populações do Vale do Paraíba e proximidades às grandes cidades do Sudeste como São Paulo e Rio de Janeiro, esta última o Distrito Federal à época,

chamados “anos dourados” (Desantis, 1993; Abu-Lughod, 2007; Grossman, 1989). Encontraremos na ilha de Cuba a migração da população negra em direção às cidades fugindo de um cenário extremamente violento marcado pela coerção nas áreas das antigas *plantations*, porém, com menos intensidade se comparada aos EUA e ao Brasil devido políticas governamentais no Leste da ilha de acesso à terra (Scott, 2005; 1994). Ma Rainey (1886-1939) e William C. Handy (1873-1958), os “pais” do blues por alguns especialistas nos EUA, são migrantes marcantes na história da indústria fonográfica: Rainey nascida na Geórgia e o Handy no Alabama (Giesta, 2018, p. 106-107).

Não foram apenas aqueles homens europeus que apresentavam suas ideologias hierarquizantes a partir de teorias tidas como científicas no século XIX e XX que atribuíam um juízo de valor cultural e civilizacional diferente entre as populações africanas descendentes dos nagôs-iorubás (África do Oeste) e os bantus (África Centro-Occidental e Oriental). Yvonne Maggie e Peter Fry assinalam essa tendência sobre religiosidades de ascendência africana do ponto de vista das ciências sociais no Brasil com origens nos estudos de Nina Rodrigues (1862-1906) e ecos nas obras de Artur Ramos (1903-1949), Edison Carneiro (1912-1972), Roger Bastide (1898-1974) e Pierre Verger (1902-1996). Postura que dominou os estudos africanistas até o início do século XXI e se caracterizou pelo *enquadramento de memória* no qual as ideias de pureza e resistência da presença ancestral e cultural africana se acoplaram ao panteão de ascendência nagô-iorubá marginalizando uma série de outras manifestações religiosas e culturais de origem africana diferente dessa

é *Samba & Jazz* (Jefferson Mello, 2014) com os protagonismos dos músicos Ângelo Vitor Simplicio da Silva (*Pretinho da Serrinha*) e Greg Stafford.

matriz como a Umbanda Omelokô de Tata Tancredo (Pollack, 1989; Maggie; Fry, 2006; Beniste, 2020).

Tata Tancredo, como era conhecido pelas religiões do axé no Rio de Janeiro e grandes cidades do Brasil, nasceu em 10 de agosto de 1905. Era filho do casal Belmiro da Silva Pinto e Edwirges de Miranda Pinto⁷. Tancredo da Silva, assim, era um dos indivíduos que migraram da região do Vale do Paraíba Fluminense marcada pela experiência cafeeira e seu repertório cultural formado pelos jongos, calangos, folias de reis, congadas, culto às almas e outras religiosidades no Rio de Janeiro e no Brasil durante o século XX no contexto do *Pós-Abolição* (Mattos; Rios, 2004, p. 170-198). Em sua família, o avô materno fundou blocos carnavalescos pioneiros da cidade: *Avança*, *Treme-Terra* e *Cordão Místico*. Seu pai era conhecido como um dos melhores tocadores de violão da redondeza e sua tia Olga da Mata, famosa por sair nos cordões fantasiada de Rainha Ginja.

O descendente de sírio-libaneses José Beniste, uma das maiores referências das religiões de matrizes africanas como a Umbanda e o Candomblé no Sudeste brasileiro, com inúmeras publicações editoriais, programas de rádio e obrigações no axé, em seu livro *História dos Candomblés no Rio de Janeiro* (2020), lembra que “todos estabeleceriam comparações com a ‘beleza e a tradição’ dos Candomblés Baianos”, marginalizando as demais matrizes cariocas e de outras regiões que “nunca foram estudados como mereciam” (BENISTE, 2020, p. 102-103). Procurando remar contra essa maré que muitos se denominam como *nagocentrismo*, adotamos uma chave de análise diferente das articulações e andanças de Tata Tancredo e sua Umbanda Omelokô no

⁷ Certidão de Nascimento de Tancredo da Silva Pinto – Brasil, Cantagalo (Rio de Janeiro), Registro Civil, 1829-2012 (Registros Cíveis, Nascimentos 1901 a 1923), documento publicado pelo site Family Search.

Pós-Abolição do Brasil durante o século XX, apresentando as religiosidades afro-brasileiras em diálogo constante com as diversidades e contradições existentes nos seios das referências de origem africana reinventadas em solo brasileiro (Druker, 2021, p. 209).

O povo Bantu, nigeriano, sudanês e outros que aqui aportaram como escravos, traziam, entre eles, sacerdotes e iniciados que mais tarde viriam influir decididamente na origem dos cultos afro-brasileiros, sendo de se destacar os Lundas-Quiocos, que deram origem ao Omolocô, sofrendo, todavia, êsse culto, influência de outros cultos afros, devido à perseguição que na época lhe moviam os senhores feudais, obrigando tanto os sacerdotes como os iniciados e demais escravos a se refugiarem nos quilombos e mesmo no mato, evitando com isso os tremendos castigos que lhe impunham. Dessa maneira, unidos os sacerdotes, iniciados e demais negros professantes de outros cultos, fundiram-se em tórno da UMBANDA, pois assim podiam eles praticar os seus cultos e, ao mesmo tempo, esquecerem os maus tratos recebidos (Silva, 1968, p. 134).

Maria Clementina da Cunha, por sua vez, apresenta a Umbanda Omolokô de Tata Tancredo ao lado das manifestações culturais que guardam raízes no tronco centro-ocidental africano bantu e chegou ao Rio de Janeiro através dessas correntes “do sudeste do país que forneceram grandes contingentes de migrantes para a capital (...) o que explica a influência (...) dos jongos, dos calangos e de outras modalidades (...) no samba carioca” (Cunha, 2015, p. 447). Segundo o sacerdote religioso José Beniste, a “participação intensa de povos bantu trouxe uma estrutura religiosa bastante significativa após a Abolição, tanto em algumas regiões do Rio como no sul de Minas Gerais”, nos permitindo compreender “as razões dos ritos litúrgicos das antigas manifestações do Jongo ou Caxambu, Omoloko e a Umbanda” se manifestando no então Distrito Federal (Beniste, 2020, p. 141). A migração dessa população do Sudeste cafeeiro em direção ao Distrito Federal acontece não somente

após a abolição, porém, também nas décadas de 1930 e 1940 para Zona Norte, Zona Oeste e Baixada Fluminense (Costa, 2015, p. 119).

A Umbanda Omolokô, segundo Tata Tancredo em suas obras sobre doutrina e ritualística, contém em sua formação diversos contatos religiosos de matrizes africanas como aqueles advindos dos islamismos da África do Oeste, da cultura dos vooduns da Costa do Benin, dos cultos aos antepassados dos povos do tronco cultural bantu, entre inúmeras outras derivadas de suas confluências. O mundo do samba, a Umbanda Omolokô e as redes de articulação política de Tata Tancredo nos apresentam outras *micro-áfricas* com cenários recheados de afro-brasilidades que extrapolam as amarras do purismo acadêmico e militante (Azevedo, 2006, p. 23-24). Nas palavras do historiador e escritor Luiz Antonio Simas, “a umbanda omolokô não está desvinculada de um contexto mais amplo em que os debates sobre a negritude, o racismo e o protagonismo do movimento negro se colocam na ordem do dia” (Simas, 2023, p. 25).

TATA TI INKICE NO *CONFLITO MÁGICO-RELIGIOSO* DOS ANOS 1950 A 1970

Para começarmos a entendermos melhor os caminhos acionados pelo filho de Oxóssi Tata Tancredo no mundo do axé, podemos observar as suas reações perante as propostas de *desafricanização* divulgadas pelo I Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda (RJ), realizado entre os dias 19 e 26 de outubro de 1941. Levantou a bandeira das matrizes da Umbanda de origem africana em meio às visões defendidas no congresso, posteriormente publicadas pelo *Jornal do Commercio* (RJ, 1942). A pesquisadora Fabíola Amaral Tomé, depois de se debruçar sobre os debates entre os intelectuais da Umbanda na década de 1950, a partir da imprensa carioca do *Jornal de Umbanda* (RJ) e do *A Noite* (RJ), aponta

que “limpar’ a religião nascente de seus elementos mais comprometidos com a tradição iniciática secreta africanista, com rituais de sacralização da carne animal, seria tomar por modelo o espiritismo, capaz de expressar ideais e valores da nova sociedade republicana, ali na sua capital” (Souza, 2017, p. 23).

Em texto publicado pelo *Jornal de Umbanda* (RJ), de julho de 1954, periódico criado através de orientações diretas do Caboclo das Sete Encruzilhadas incorporado pelo médium Zélio Fernandino de Moraes (1891-1975) e diretamente relacionado à Federação Espírita de Umbanda (FEU) fundada em 1939, percebemos traços do seu projeto de afastamento da Umbanda das suas origens, simbologias e práticas africanas com fins de legitimação pela ordem política do Brasil nos anos 1940 e 1950 sob a égide varguista do Estado Novo (1937-1945) e da república pós Segunda Guerra Mundial (1939-1945):

“Gazeta de Notícias” publica um clichê de um médium incorporado com trajes característicos do “candomblé”. É a tal história de que o Sr. Tancredo da Silva Pinto quer empanar com sua cortina de fumaça. Essa Tenda Espírita de S; Jorge, de Olinda, Estado do Rio, só é espírita e de Umbanda no nome, pois é puro candomblé, enquanto isso vive atirando pedras apesar de seu telhado de vidro, em quem está fazendo Umbanda a sério e sem rabo, chegando a ponto de classificar a União de estar a serviço do comunismo (*O Jornal de Umbanda*, RJ, julho, 1954).

Em 1950, início de uma década produtiva de Tata Tancredo, seja no mundo do samba ou no universo do axé, sua composição em parceria com José Alcides e Sátiro Melo foi sucesso no Carnaval de 1950, *General da Banda*, que nasceu sob a orientação do orixá Xangô que arriou em terreiro na Baixada Fluminense⁸. No ano de 1953, nossa personagem

⁸ “... esse episódio passou-se na casa da minha tia Olga da Mata. Lá arriou Xangô, no terreiro São Manuel da Luz, na Avenida Nilo Peçanha, 2.153, em Duque de Caxias. Xangô falou: - Você deve fundar uma sociedade para proteger os umbandistas, a exemplo da que você fundou para os sambistas, pois eu irei auxiliá-lo nesta tarefa. Imediatamente tomei a iniciativa de fazer a Confederação Umbandista do Brasil,

começou a assinar uma coluna com tiragem semanal num dos maiores jornais cariocas: *O Dia* (RJ), órgão de imprensa do cacique político Chagas Freitas (1914-1991). O jornal era recente, pois, tinha sido inaugurado em 1951 depois da experiência adquirida pelo jornalista nos anos de trabalho na redação do *A Notícia* (RJ), de propriedade de um dos nomes caros da política do Sudeste brasileiro: Adhemar Pereira de Barros (1901-1969)⁹. O periódico era ligado às religiosidades afro-ameríndias, abrigando nomes como Marcelo Medeiros (1945-2009) e Átila Nunes Pereira. Este último, idealizador do programa da Rádio Guanabara (RJ) chamado *Melodias de Terreiro*, entre 1947 e 1969, abrindo caminhos para programas do gênero.

Em seu primeiro texto da coluna *Dos Sacerdotes de Umbanda*, assinada em coautoria com Byron Tôrres de Freitas (1908-1970), de 02 de setembro de 1953, observamos a utilização do espaço para apresentação das suas narrativas em relação aos mitos de origem da Umbanda, aos significados do próprio nome da religião, além de explicitar suas ancestralidades africanas de diversas origens étnicas:

A umbanda provém das antigas religiões africanas trazidas aqui pelos escravos. A palavra umbanda deriva do vocabulário angolense “banda”, quer dizer “país”, “terra”, “região”, “lugar” e “povo”; em consequência dos maus tratos sofridos, os escravos fugiam das senzalas e organizavam os quilombos, onde gozavam de liberdade e praticavam sua religião e seus costumes ancestrais sem receios dos feitores e dos capitães do mato. Ora na África havia muitas nações, umas mais atrasadas outras mais adiantadas... causava admiração o ritual dos iorubás.... nos quilombos predominavam os negros de Angola e a eles se juntaram os de Guiné e Luanda, de Banguela e

sem dinheiro e sem coisa alguma. Tive uma inspiração e compus o samba General da Banda, gravado por Blecaute, que me deu algum dinheiro para dar os primeiros passos em favor da Confederação Umbandista do Brasil” (Santos, 2019; Nogueira, 2022).

⁹ “Ademar de Barros, o que de resto, figura com frequência, ao lado de Getúlio, no rol dos amigos da Umbanda. A amizade é reiterada em fotos devidamente entronizadas em numerosos Terreiros e no depoimento de velhos umbandistas” (Concone, 1987, p. 53).

do Congo, etc... Quando chegava um escravo fugido perguntavam : Qual a sua banda? Isto é, “De que nação você faz parte?”. Em breve as bandas ou nações se entederam no sentido do pacto religioso: Umbanda significa pois “unificação das bandas”, por isso que os sacerdotes do Omolocô, ritual de angola, entendem a linguagem falada pelos cultos afro-brasileiro; e com efeito, no vocabulário religioso Omolocô encontram-se palavras de quase todas as nações africanas. (*O Dia*, RJ, 27 de setembro de 1953).

A pretensão do periódico *A Luta Democrática* (RJ) de construir para o seu líder político, Tenório Cavalcanti (*O homem da capa preta*), uma imagem de canal privilegiado dos interesses populares, “defensores” e “advogados” do “povo” na Região Metropolitana abriu espaços para aproximação entre Tata Tancredo e o famoso personagem (SIQUEIRA, 2005, p. 47). Além do cacique político da Baixada Fluminense, outros nomes importantes da política preenchiam a rede de articulações de Tata Tancredo que possibilitavam o avanço dos seus projetos na arena da política institucional e na opinião pública: o radialista e jornalista conhecido por sua luta em defesa dos interesses umbandistas Átila Nunes Pereira e sua esposa vereadora pelo Rio de Janeiro Bambina Bucci; um dos homens fortes dos governos da ditadura civil-militar no Brasil Golbery do Couto e Silva (1911-1987); Valdemiro Abdalla Teixeira (*Miro Teixeira*); o prefeito de Itaguaí dr. José Maria de Brito; o candidato a vereador José Ribeiro¹⁰, os deputados estaduais Accyoli Lins e José Salim; entre outros:

Porque o PASQUIM, aproveitando o ciclo das grandes entrevistas, não procura entrevistar o cidadão TANCREDO DA SILVA PINTO, considerado o maior umbandista do Brasil, que está com 71 anos de idade, mas com espantosa lucidez? Tancredo tem muita coisa para contar e creio que pouca gente saiba que o nosso reportado é procurado por gente que vem da África pesquisar sobre a África e encontra os fatos que quer com o Tancredo. Ele, inclusive, pode contar porque o Pres. Eurico Gaspar Dutra o procurou para

¹⁰ *A Luta Democrática* (RJ), 13 e 14 de novembro de 1966.

ser presidente da Congregação Umbandista Brasileira. Ele pode dizer de seus diálogos com o Pres. Arthur Bernardes e também com o Pres. Getúlio Vargas. Pode esclarecer, o velho é mais macio do que reza de criança (Lourinaldo Rigueira de Brito, Rio, RJ, *O Pasquim*, RJ, 09 a 15 de julho de 1976)

Além das *Flores de Iemanjá* (RJ) na Praia de Copacabana e do evento *Você sabe o que é Macumba?* (RJ) no Maracanã, Tata Tancredo idealizou e/ou participou da produção de eventos religiosos umbandistas em todo o país como a Yaloxá (MG) na Lagoa da Pampulha em Belo Horizonte, a Festa de Xangô (PE) e a Festa de Preto Velho (Inhoaíba, RJ). Nesta última, inaugurada em 1958 em rememoração aos 70 anos da Abolição e localizada na região com o pior índice de IDH do município do Rio de Janeiro¹¹, ergueu-se uma estátua de bronze homenageando Joaquim Manuel da Silva (*Paizinho Quincas*, 1854-1963). A iniciativa foi uma das primeiras intervenções urbanas no sentido de reconhecer e valorizar o patrimônio religioso afro-brasileiro no Brasil e sua inauguração contou com a presença do prefeito Negrão de Lima (1901-1981), nome do famoso Viaduto de Madureira conhecido pelos seus “bailes charme” (Zona Norte, RJ).

Nos anos 1960 e 1970, mesmo em idade avançada, suas movimentações não pararam. Em 1968, fundou a Congregação Espírita Umbandista do Brasil (CEUB) ao lado de nomes como Mamede José D’Ávila, Paulino da Mata, Irmão Martinho, José Alcides, Antonio Pereira Camelo e outros. Nos anos 1970, observamos movimentações do compositor e sacerdote buscando conquistas e espaços para o povo do axé como a Lei do Silêncio (Decreto-Lei nº 112, 12 de Agosto de 1969), a Cerimônia de Fusão do Estado da Guanabara com o Estado do Rio de Janeiro na Ponte Rio-Niterói em 1975: “no flagrante o Tata Sr. Tancredo

¹¹ *Sobre a Zona Oeste*. Disponível em: http://www.institutorio.org.br/sobre_a_zona_oeste. Acesso em: 05 nov. 2021.

da Silva Pinto, o escritor Sr. Gerson Ignez de Souza, o Tata Zambé Orlando Ti Anonoxá e os jornalistas de ‘O Dia’ e ‘A Notícia’ na ocasião em que foi realizada em abril último a festa ‘*Rosas no Mar Unificam a Umbanda*’, festa em homenagem a data comemorativa da fusão” (Mello; Silva, 1975, p. 150).

Em 1977, Tata Tancredo assina um documento que nos diz muito sobre a potência e dimensão das conexões que seus trabalhos ganharam não só no Brasil, mas na América do Sul e África. Buscando um “maior e melhor intercâmbio religioso, cultural, artesanato e artístico, para o benefício de ÁFRICA-BRASIL”¹², em nome da “alta cúpula diretiva Sacerdotal da Umbanda dos Cultos Afro-brasileiro”¹³ foi concedido o grau de “XAXÁ” a “mestra das iabás” Sra. Maria Helena Borges de Melo¹⁴. A honraria foi ao convite recebido por Maria Helena pelos órgãos oficiais nigerianos para “estreitamento de relações Afro-culturais” e “mostrar as especificidades das iguarias Afro-brasileiras”¹⁵. No documento localizado no Acervo Tata Tancredo da CEUB, encontramos a nomeação da brasileira como “EMBAIXATRIZ DA UMBANDA ÁFRICA-BRASIL”¹⁶:

Haja visto o fato, este órgão Afro-brasileiro da Umbanda, NOMEA com todas as honrarias de praxe – EMBAIXATRIZ DA UMBANDA DOS CULTOS AFRO-BRASILEIROS, junto as autoridades religiosas dos países de Raça Negra Africana, para um maior e melhor intercâmbio religioso, cultural, artesanato e artístico, para o benefício de ÁFRICA-BRASIL.

Yiabá, omo Nàná, uyá mi, ásésé – (Yorúba)

¹² (CARGO DE EMBAIXATRIZ DA UMBANDA ÁFRICA-BRASIL - Instituto Sanatório Espiritual, Congregação Espírita Umbandista do Brasil (CEUB), Acervo Tata Tancredo, 17 de Agosto de 1977)

¹³ Idem.

¹⁴ Idem.

¹⁵ Idem.

¹⁶ Idem.

Iabá, omokoryn Nánã, mi iê, sirrún – (Omolocô)

A Iabá é filha de Nanã, sua mãe é sua Origem – (Língua Portuguesa)

Tancredo da Silva Pinto

Tata Ty Inkice – Grão Sacerdote do Culto Afro-brasileiro do Omolocô

(...)

Brasil, 17 de Agosto de 1977 (CARGO DE EMBAIXATRIZ DA UMBANDA
ÁFRICA-BRASIL - Instituto Sanatório Espiritual, Congregação Espírita
Umbandista do Brasil (CEUB), Acervo Tata Tancredo, 17 de Agosto de 1977)

Além disso, os esforços para construção do Hospital de Umbanda no Rio de Janeiro vinham dos anos 1960¹⁷, a criação da Sociedade Instituto Sanatório Espiritual do Brasil (SANEBRAS) dos anos 1970¹⁸, edições publicadas da *Revista Mironga* (RJ)¹⁹, a organização do III Congresso Brasileiro da Umbanda entre os dias de 15 a 21 de julho de 1973²⁰; tentativa da criação da Mazomba e do Conselho Supremo dos Cultos com fins de avaliar e legitimar a circulação de “obras espiritualistas sobre a Umbanda; as pessoas que passarem por essa Universidade serão ordenadas, terão seu certificado de aprovação de seus conhecimentos”, buscando minar os desgastes e que “elementos fanáticos, obsecados, venham a presidir atos religiosos sem terem conhecimentos perfeitos”, entre outros (Silva, 1968, p. 157). Até a sua passagem em 01 de setembro de 1979, dedicou-se à luta pela liberdade religiosa no Brasil e por conquistas para as camadas *negras-populares* no mundo do samba carioca, da política institucional e da Umbanda

¹⁷ *A Luta Democrática* (RJ), 13 de maio de 1964.

¹⁸ ESTATUTO da Fundação Instituto Sanatório Espiritual do Brasil (SANEBRAS), 22 de maio de 1970, RJ, Acervo Tancredo da Silva Pinto, CEUB.

¹⁹ SÉRIE DE RECIBOS, comprovantes de pagamentos e correspondências entre consumidores e fornecedores de serviços e materiais para *Revista Mironga* (Déc. 1970), RJ, Acervo Tancredo da Silva Pinto, CEUB.

²⁰ CONGREGAÇÃO ESPÍRITA UMBANDISTA DO BRASIL (CEUB). Carta para o Dep. Marcelo Medeiros, 25 de maio de 1973. Acervo Tancredo da Silva Pinto, CEUB.

Omolokô. Um homem do Pós-abolição no Brasil do século XX (Santos, 2019; Hall, 2003).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela *africanização* das ritualísticas e doutrinas da Umbanda que se legitimavam enquanto religião no Brasil, essencialmente entre 1940 e 1970, transpassando períodos políticos republicanos como a Era Vargas (1930-1945) e a Ditadura Civil-militar (1964-1985), Tata Tancredo se doou à luta pela liberdade religiosa. Como sambista, defendeu e inclusão dos populares no “caldo” de *brasilidades* em formação nas tensões e conflitos da modernização nacionalista da sociedade brasileira entre os anos 1930 e 1960 buscando conquistas e melhorias às comunidades da geografia do samba. Tancredo da Silva foi um “bamba”, essencialmente entre os anos 1940 e 1960, se destacando pela sua vivência institucional de representatividade e negociação com o Estado, ao lado de nomes como Calça Larga²¹ e Mano Eloy nas federações do samba, explicitando a diversidade das estratégias adotadas pelos sambistas no Pós-Abolição (Bártolo; Menezes, 2019, p. 99).

Esteve entre os fundadores da Escola de Samba (Deixa falar 1928-1932) do bairro Estácio de Sá, no qual fez morada no Morro do São Carlos e ficou muito conhecido no Rio de Janeiro, fundou também a União das Escolas de Samba (1934) e a Federação Brasileira das Escolas de Samba (FBES, 1947)²². Era presença em feijoadas de agremiações coirmãs como a G.R.E.S. União de Vaz Lobo²³, organizava desfiles carnavalescos na Avenida

²¹ REIS, Thomas. *Joaquim Casemiro, o Primeiro da Dinastia Calça Larga no Oyó Tijucano*. 2021. Disponível em: <https://sal60.com.br/sal60/2021/01/27/casemiro-calca-larga/>. Acesso em: 12 mai. 2023.

²² *A Manhã* publicado em 10 de dezembro de 1950; *A Manhã* publicado em 11 de agosto de 1951; *A Manhã* publicado em 22 de agosto de 1951; *Tribuna Popular* publicado em 24 de janeiro de 1947 (Hemeroteca da Biblioteca Nacional).

²³ *A Manhã* (RJ), 13 de outubro de 1951.

Rio Branco²⁴, viajava como dirigente e convidado de honra das escolas de samba de cidades do interior fluminense como Campos dos Goytacazes²⁵, enfim, não parava. Dedicou-se, concomitantemente, à idealização de instituições pela luta pela liberdade religiosa como a Confederação Espírita Umbandista (CEU, 1950) e a Federação Espírita Umbandista (FEU, 1952) e iniciou inúmeros filhos-de-santo pelo Brasil, América do Sul e Atlântico (Cabral, 1996; Turano, 2017; Santos, 2019; Bahia; Nogueira, 2018).

De porte do seu arsenal cultural de raiz bantu, filho dos cafezais cantagalenses no Vale do Paraíba Fluminense no século XIX, a sua trajetória se confunde com a afirmação da Umbanda Omolokô e das linhas de umbanda *africanizadas* e religiões do axé. Inclusive, as demandas por pesquisas sobre o Omolokô, suas personagens e suas histórias fez crescer a busca por informações sobre Tata Tancredo atualmente (Mattos; Rios, 2004; Cunha, 2015; Slenes, 1999). Um breve “google” e uma busca no Youtube mostram esse efeito recente. Além disso, fundou instituições no Brasil batalhando contra as repressões e discriminações sofridas pelo povo do axé no mercado editorial, imprensa formal, eventos públicos, seminários e cursos²⁶. Tata Tancredo foi um dos sacerdotes importantes na internacionalização dos cultos de matrizes africanas em países da América do Sul, como Argentina²⁷ e Uruguai²⁸, além de países europeus como Portugal e Espanha.

²⁴ *A Manhã* (RJ), 15 de abril de 1949.

²⁵ *A Manhã* (RJ), 21 de setembro de 1949.

²⁶ Curso de História das Religiões (1961), I Seminário de Religião de Umbanda (1963), ver: *A Luta Democrática* (RJ), 02 de fevereiro de 1961.

²⁷ OMOLOKO CEARÁ. *Video Raro de Tata Tancredo nos anos 70 na Argentina durante uma solenidade de entrega de Deka*. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XzaGr8KNI88>. Acesso em: 15 mai. 2023.

²⁸ *A Luta Democrática* (RJ), 27 e 28 de fevereiro de 1966.

O “culto não precisa de Papa. O que precisamos é de liberdade de culto, mais liberdade de função, de um regulamento para funcionarmos, respeitando-se mutuamente todos os cultos afro-brasileiros” (Silva, 1983, p. 2). Afinal, Tancredo era produto de um contexto histórico marcado pelo preconceito da população carioca e brasileira com os “povos do axé”. Recentemente, no ano de 2020 durante a Pandemia de Covid-19, ganhou destaque nos jornais a devolução de objetos materiais religiosos apreendidos anteriormente depositados no Museu da Polícia Civil (RJ) que agora estão sob responsabilidade do Museu da República (RJ) – intitulado *Acervo Nosso Sagrado*²⁹. O Zambi dos Quilombos de Umbanda já tinha levantado essa questão em entrevista, deixando explícitas as assertivas oficiais e como eram tratados:

As imagens, miçangas, capas, capacetes e assentamentos dos orixás eram apreendidos e este fato pode ser constatado bastando ir ao Museu da Academia de Polícia, na Rua Frei Caneca, na cidade do Rio de Janeiro. Lá no Museu existe uma imagem de Exu Tiriri que já esteve em exposição em Museu dos Estados Unidos. O elemento que era flagrado praticando o espiritismo tinha que tirar seu atestado de sanidade mental (Silva, 1983, p. 24).

Histórias do Pós-Abolição como a trajetória de Tata Tancredo, que se tornam mais densas a cada ano com as pesquisas dos programas de pós-graduação nas universidades brasileiras, complexificam a História da Umbanda no Brasil e suas versões assentadas na “carioquização” das “discussões (...) que partiam do estabelecimento não verificado de que tal movimento se originara no Rio de Janeiro”, uma vez que o nosso

²⁹ “O Museu da República no Rio de Janeiro recebeu uma coleção histórica: 523 peças religiosas retiradas de terreiros de umbanda e candomblé entre 1889 e 1945. O material, que estava reunido em 77 caixas, ficou com a polícia por mais de 100 anos”. SANCHES, Monica. *Museu da República no Rio recebe peças históricas de religiões afro-brasileiras apreendidas pela polícia há mais de 100 anos*. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/09/21/museu-da-republica-no-rio-recebe-pecas-historicas-de-religoes-afro-brasileiras-apreendidas-pela-policia-ha-mais-de-100-anos.ghtml>. Acesso em: 19 fev 2024.

General da Banda assinalava a ancestralidade do culto em África; nos aspectos organizacionais das umbandas propondo um cenário heterogêneo das experiências históricas muitas vezes universalizadas esquecendo as diferenças entre a “Umbanda das Federações e a Umbanda dos Terreiros”³⁰; a amplitude do conceito de *terreiro* e suas implicações nas formações urbanas e rurais; a diversidade dos grupos e sujeitos acionados na luta pela liberdade religiosa; as relações entre os umbandistas e a ditadura civil-militar; enfim (Simas; Rufino, 2018; Concone, 1987).

Tata Tancredo ainda recebeu em vida homenagens e representações públicas de reconhecimento pelos serviços prestados à cultura negra brasileira por órgãos como a Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (ALERJ) em 1973: “Entre personalidades presentes, de embaixada e outras representações da Cultura Negra no Brasil, ali estarão vultos representativos da cultura afro-brasileira religiosa, como o Tata Tancredo da Silva Pinto”³¹. Filho da *diáspora africana* nascido nas Américas, Tata Ti Inkice ou nosso General da Banda, explicita uma faceta do Brasil do Pós-Abolição que ilumina novos *problemas históricos*. Afastando-se de rótulos ou categorias estanques, entramos em contato com seus projetos, lutas, expectativas, conquistas, frustrações, produções, legados e, também, contradições. Enxergamos um sujeito singular em sua importância, porém, encarnou a metonímia da movimentação e *afirmação cidadã* da população de origem africana, descendente da última geração de cativos dos cafezais do Vale do Paraíba no século XX brasileiro (Hall, 2003; Mattos; Rios, 2004; Domingues, 2014).

³⁰ Idem, p. 39.

³¹ *A Luta Democrática* (RJ), 26 de junho de 1973.

BIBLIOGRAFIA:

- AMORIM, Diego Uchoa de. **O Vale também samba, Malungo! A Trajetória de Tata Ti Inkice e a Cultura dos Migrantes e Seus Descendentes do Vale do Paraíba no Mundo do Samba Carioca**. Orientadora: Prof.a Dr.a Martha Campos Abreu. Niterói: UFF/ICHF, 2017. Monografia (Bacharel em História).
- AZEVEDO, Adailton Magno. **A Memória Musical de Geraldo Filme: os sambas e as micro-áfricas em São Paulo**. Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, 2006.
- BENISTE, José. **História dos candomblés no Rio de Janeiro: o encontro africano com o Rio e os personagens que construíram sua história religiosa**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2020.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Cia das Letras, 2007.
- CABRAL, Sérgio. **As escolas de samba do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Lumiar, 1996.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira. **“Não tá sopa”**. Samba e sambistas no Rio de Janeiro (1890 a 1930). São Paulo: Editora Unicamp, 2015.
- DOMINGUES, Petrônio. Cidadania por um fio: o associativismo negro no Rio de Janeiro (1888-1930). **Revista Brasileira de História**. São Paulo. V34, nº 67, p. 251-28, jun. 2014.
- DRUCKER, Claudia Pellegrini. Fenomenologia e Ciências Sociais: Anotações Sobre os Estudos Africanistas no Brasil. **FRAGMENTOS DE CULTURA**, Goiânia, v. 31, n. 1, p. 206-218, jan./mar. 2021.
- FARIA, Sheila de Castro. Ouro, porcos, escravos e café: as origens das fortunas oitocentistas em São Pedro de Cantagalo, Rio de Janeiro (últimas décadas do século XVIII e as primeiras do XIX). In: **ANAIS DO MUSEU PAULISTA**, São Paulo, Nova Série, vol. 26, 2018.
- GIESTA, Gabriel Valladares. **Entre o Delta e o Estácio: uma história comparada do Blues e do Samba no início do século XX**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Comparada no Instituto de História da UFRJ, como

parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em História Comparada, Rio de Janeiro, 2018.

HALL, Stuart. **Da Diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

ISAIA, Artur Cesar. A Umbanda como projeto de nomeação da realidade brasileira. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 7, p. 115-129, 2015.

_____. Conflito mágico-religioso no universo ficcional de um intelectual umbandista da primeira metade do século XX. **Revista Topoi** (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 23, n. 50, p. 452-472, maio./ago. 2022.

LOPES, Nei. **Partido-alto**: Samba de bamba. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

OLIVEIRA, José Henrique Motta de. **Das macumbas à umbanda: uma análise histórica da construção de uma religião brasileira**. Limeira: Editora do Conhecimento, 2008.

MAGGIE, Yvonne; FRY, Peter. Introdução. In: RODRIGUES, Nina. **O fetichismo animista dos negros baianos**. Rio de Janeiro: Biblioteca nacional, 2006.

MATTOS, Hebe Maria, RIOS, Ana Maria. O pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas. **Revista Topoi**, RJ, v. 5, n. 8, jan.-jun. 2004, pp. 170-198.

NOGUEIRA, Farlen de Jesus. **O Tata Ti Inkice da Omolocô**. Rio de Janeiro: Autografia Editora, 2022.

SANTOS, Ivanir dos. **Marchar Não é Caminhar**: interfaces políticas e sociais das religiões de matriz africana no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Pallas, 2019.

SILVA, Tancredo da. **Eró (Segredo) de Umbanda**. Rio de Janeiro: Eco, 1968.

SIMAS, Luiz Antonio. **Umbandas**: uma história do Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

SLENES, Robert W. **Na senzala uma flor**: esperanças e recordações na formação da família escrava, Brasil Sudeste, século XIX. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

SOUZA, Fabíola Amaral Tomé. Jornal de Umbanda: construção de discursos em defesa das “boas” práticas religiosas. **Em Tempo de História**, (PPGHIS/UnB) Nº. 30, Brasília, Jan – Jul 2017.

TURANO, Gabriel da Costa. **UES, UGES, FBES, UGESB, CBES e AESB! Que carnaval é esse? As instituições carnavalescas no processo de formação e agigantamento das escolas de samba entre os anos de 1935 e 1953**. Tese de Doutorado Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Artes, 2017.

VELLOSO, Mônica Pimenta. **As tradições populares na Belle Époque carioca**. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1988.